

## O sentido da intuição no pensamento de Leonardo Coimbra

Na abordagem de qualquer obra de Filosofia, há sempre uma primeira tentação de a desmontar nas suas genealogias, fragmentando-a nas múltiplas e inevitáveis influências que lhe subjazem.

Sem negar a essa perspectiva o seu aspecto eminentemente positivo — pois é ela que permite, afinal, um traçado histórico do próprio pensamento humano nas suas variâncias, emergências e complexidades — entendemos que é também necessário completá-la com o entendimento do autor pelo autor, na tentativa de buscar *ler* o texto escrito que, por sua vez, já consubstancializou a primeira intuição do pensador, necessária e inevitavelmente mediatizada pela palavra que recai no domínio do epocal e do circunstancial. Essa leitura nunca é, também, inocente, já que resulta sempre, duma irrecusável interpretação pessoal.

Se a consciência destas complexidades é prévia em relação a qualquer texto de filosofia, mais aguda e subtil terá de tornar-se em relação a autores que, por circunstâncias específicas, escapam a uma certa via comum de dominâncias.

Leonardo Coimbra é, inequivocamente, um destes pensadores. A sua obra multifacetada, complexa, quase parecendo, por vezes, uma heteróclita mistura de demonstrações científicas, intuições filosóficas e expansões líricas ou retóricas, de um sincretismo pouco ordenado, é, de facto, um desafio ao comentador. Se, como escreve Alexandre Morujão, «não podemos deixar de lamentar que a Leonardo não tivesse sido imposta, por pressão disciplinadora de um escol pensante, essa exigência de rigor na fundamentação que servisse a intuição rica, profunda e original revelada nos seus livros»<sup>1</sup>, cabe-nos

---

<sup>1</sup> Cf. ALEXANDRE F. MORUJÃO, *O sentido da filosofia em Leonardo Coimbra*, in «Revista Portuguesa de Filosofia», XXXIX, 4, 1983, p. 364.

hoje defrontar-nos com esse desafio e tentar encontrar os núcleos centrais, polarizadores, desse pensamento ambicioso, extremo, que parece querer ultrapassar continuamente delimitações e esquemas estruturantes, na busca de amplitudes nunca redutoras.

Talvez a primeira relevância do pensamento leonardiano — numa espécie de transposição teorizada do seu itinerário pessoal — seja o seu dinamismo intrínseco, o seu carácter eminentemente dialéctico que, num impulso ascendente, delineia um traçado hierárquico da ciência à religião, passando pela arte e a filosofia, numa complexidade de inter-relações abrangentes e vitais.

Logo na primeira página de «*O Criacionismo*», afirma Leonardo Coimbra:

O pensamento pode responder triunfantemente a todos os cepticismos. Responde pensando e, pensando, se ergue, engrandece e justifica. Mas o próprio pensamento diz a sua relatividade, coloca a sua realidade psicológica no meio de uma realidade mais vasta e mais activa»<sup>2</sup>.

Parece-nos esta uma das afirmações fundamentais e decisivas, possível chave de um discorrer por vezes não rigorosamente metódico, mas sempre consciente no evitar de limites estáticos e especialmente atento a um factor essencial que é a relação. Assim se afasta, desde logo, a absolutização de um sujeito pensante e a impossibilidade do entendimento do sujeito e do objecto como elementos irreduzíveis e isolados entre si. No acto do conhecimento estão íntima e dialecticamente relacionados porque a razão se defronta sempre com o real que a vivifica, dinamiza e como que desafia, nas sucessivas intuições que, por sua vez, serão elaboradas em noções.

Atente-se na forma como Leonardo define intuição na sua primeira obra:

«é intuitivo o que se nos apresenta sem o construirmos, mas ao lado dessa intuição reveladora do estranho, o homem vai criando como que uma intuição de segunda ordem, pela presença, sem esforço indagador, de elementos adquiridos»<sup>3</sup>.

---

<sup>2</sup> Cf. LEONARDO COIMBRA, *Criacionismo (Esboço de um sistema filosófico)*, in «Obras de Leonardo Coimbra, Selecção, coordenação e revisão pelo Professor Sant'Ana Dionísio, I, 6.

Embora tendo em conta as críticas de ALEXANDRE MORUJÃO, *Obras de Leonardo Coimbra*, in «Revista Portuguesa de Filosofia», XXXIX, 4, 1983, pp. 480-484, citaremos por esta edição, indicando o algarismo romano o volume e o árabe a página.

<sup>3</sup> Cf. LEONARDO COIMBRA, *Criacionismo (Esboço de um sistema filosófico)*, I, 19.

O «que se nos apresenta sem o construirmos» tem, a nosso ver, um sentido fundamental e inequívoco: delimita e mobiliza a capacidade da razão, resistindo-lhe na opacidade do diferente, do estranho, nela desencadeando, por outro lado, um dinamismo criador, mas delimitado pelo seu humano exercício. Como escreve lucidamente José Marinho: «o pensamento não pode [...] partir da exigência de total racionalização. Seu ponto de partida, seu critério de verdade será 'a exigência da máxima racionalização'»<sup>4</sup>.

Quando Leonardo afirma, nessa ordem de ideias, que «a razão não tem descanso perante uma intuição inesgotável», aponta, para além do dinamismo inter-relacional dessa dialéctica, um clima de impossibilidade do estático e do sistema que polariza a afirmação do material fluxo vital e da razão que terá de ser capaz de o apreender e de não o atraiçoar. Se não o fizer, será a própria razão a deter-se e imobilizar-se, perdendo a relação com as emergências sucessivas das intuições que, elaboradas, se mudarão em noções.

Então, se o pensamento é relação, união indissolúvel de matéria e forma, delinea-se no sentido de um construtivismo, de um «criacionismo» de sínteses já que, no dizer de Alexandre Morujão, «porque unifica nunca actua em vazio. É a um tempo material e formal, nem actividade pura, nem passividade receptiva»<sup>5</sup>. Implica, portanto, uma dialéctica de noções, em construção não arquitectónica ou estratificante, porque continuamente emergente e aberta.

Leonardo Coimbra tem a permanente preocupação da inter-relação complexa, do contacto dinâmico do pensamento e do real fluidico, pela afirmação paralela do específico da realidade e do próprio da consciência que pode captá-la. Escreve:

«A matéria transita, a natureza é um fluxo. Mas o homem que também flui é, paralelamente, memória que o liberta desse fluxo»<sup>6</sup>.

É essa relação biunívoca entre o Homem e a realidade, significativa e abrangente, abrindo-se à acção, ao tempo, à vida, construindo-se conhecendo-se e conhecendo-se construindo-se, que trans-

<sup>4</sup> Cf. JOSÉ MARINHO, *Verdade, Condição e Destino no Pensamento Português Contemporâneo*, Porto, Lello e Irmão, 1976.

<sup>5</sup> Cf. ALEXANDRE F. MORUJÃO, *O sentido da filosofia em Leonardo Coimbra*, loc. cit., p. 349.

<sup>6</sup> Cf. LEONARDO COIMBRA, *A Razão Experimental*, II, 760.

borda e escapa a todos os esquematismos e determinações, à possibilidade de fechamentos de sistemas porque há sempre um *excesso* que desencadeia novas interrogações.

O pensamento constroi-se, assim, em permanente superação, buscando sintonizar-se com o universo que nunca é exterioridade total pois «toda a realidade é pensamento e, do granito ao homem, tudo é harmonia, ideia ou pensamento»<sup>7</sup>.

A captação do abrangente pela emergência de sucessivas intuições — que são, como vimos, pontos de partida dinâmicos, sucessivamente elaborados — projecta uma decisiva integração do homem no cosmos, humanizando-o e, paralelamente, relativizando o seu domínio sobre ele. Como se toda a realidade menos complexa, porque não racional, exigisse a sua presença, enquanto ser pensante e livre, capaz de amar.

Se a realidade é o complexo sistema de sínteses dinâmicas, «é um irracional criando a razão e a ordem» — escreve — «irracional porque nenhuma quantidade a pode medir, nenhuma qualidade a pode esgotar. Não quer dizer que a realidade seja estranha à razão, mas sim que a razão cósmica é infinita e activa, isto é uma sociedade, um conjunto unificado, um sistema de eficazes actividades»<sup>8</sup>.

Perpassa, neste texto singular, pautado por uma certa indeterminação terminológica e, aparentemente, por uma mistura de planos, a preocupação constante de Leonardo Coimbra: a busca da relação superadora e mediadora que impossibilite determinações exclusivas e isoladas, numa espécie de resolução abrangente de contrários. A razão cósmica tem uma certa conexão com a razão humana e ambas reflectem um sentido primordial de ordem e unidade reguladora e criadora que se projecta igualmente no sentido da comunidade humana.

Nesta perspectiva entende-se como se connexionam intimamente o pensamento «criacionista» e o «anti-cousismo», definidos em dois textos bem significativos:

«A cada momento pensar é construir e o mínimo pensamento é original e profundo, é uma relação posta que, portanto, sistematicamente envolve o Universo»<sup>9</sup>.

---

<sup>7</sup> Cf. LEONARDO COIMBRA, *Pensamento Criacionista*, II, 7.

<sup>8</sup> Cf. LEONARDO COIMBRA, *A Alegria, a Dor e a Graça*, I, 508.

<sup>9</sup> Cf. LEONARDO COIMBRA, *Pensamento Criacionista*, II, 17.

«Se, com efeito, a realidade se compõe de *cousas*, como podem nascer as relações e os sistemas?»<sup>10</sup>.

Essa interligação profunda e interpeladora, do real e do pensamento, aponta para outro conceito importante da filosofia leonardiana: o da *razão experimental*.

Que podemos entender por ele? Aparece como tema fulcral em «A Razão Experimental» que, anos depois de «O Criacionismo», se projecta como uma espécie de avaliação crítica dos resultados da primeira obra, e se delinea como um momento fundamental no itinerário de Leonardo Coimbra, quase um ponto de viragem, tenso, para abrir-se à ulterior reflexão, situada decisivamente em torno das questões existenciais que alcançam o seu pleno sentido na Revelação.

Esta obra articula-se, ainda, na sequência dos percursos anteriores, como que buscando colmatar lacunas e resolver interrogações.

Se o pensamento se constroi no dinamismo aglutinador de *noções* — «sínteses superadoras de razões e intuições»<sup>11</sup> — a ciência terá de ser «real e racional», dialéctica de «noções e não de coisas»<sup>12</sup>, numa irreversibilidade direccional que vai da natureza ao homem, da matéria à vida e à pessoa, em anulação inequívoca de determinismos.

Nas páginas finais de «O Criacionismo», surge-nos uma última identificação desse direccionismo:

«Chamemos mónada a todo o direccionismo da matéria, seja qual for a sua categoria, desde o mais ligeiro afloramento de vida até à mais ampla consciência»<sup>13</sup>.

Como escreve Cerqueira Gonçalves, «sem ignorar a filiação leibniziana desse modelo, dir-se-ia, entretanto, que [...] ultrapassa um autor ou uma corrente tornando-se o esquema natural de toda a filosofia que tem de defrontar-se com a questão do *uno-múltiplo*»<sup>14</sup>.

Essa visão monadológica é, talvez, na economia interna de «O Criacionismo», cujo horizonte é a ciência com uma certa carga ainda positivista, um primeiro pressentimento duma linguagem metafísica, centrando-se, todavia, num nível de acção e num processo moral.

<sup>10</sup> Cf. LEONARDO COIMBRA, *Pensamento Criacionista*, II, 118.

<sup>11</sup> Cf. ALEXANDRE F. MORUJÃO, *O sentido da filosofia em Leonardo Coimbra*, loc. cit., p. 348.

<sup>12</sup> Cf. LEONARDO COIMBRA, *Criacionismo (Esboço de um sistema filosófico)*, I, 8.

<sup>13</sup> Cf. LEONARDO COIMBRA, *Criacionismo, Síntese Filosófica*, I, 368.

<sup>14</sup> Cf. J. CERQUEIRA GONCALVES, *Leonardo Coimbra. A filosofia criacionista*, in «Leonardo Coimbra. Filósofo do real e do ideal», Lisboa, Inst. Amaro da Costa, 1988, p. 141.

Sempre, no pensamento de Leonardo, essa busca quase obsessiva da relação medeadora e de abertura ao excesso que fecunda o pensamento e o impede de se coisificar.

Assim, as mónadas não podem ser estranhas e cerradas<sup>15</sup> e o seu relacionamento é um processo de ritmos e de excessos de acção.

Nessa perspectiva projecta-se, já, a limitação da ciência, num afastamento racionalizante que traça, afinal, o seu limite:

«Se a ciência conseguisse penetrar na intimidade perfeita e última (o que é absurdo num mundo criador), iria encontrar, no fim e no extremo de cada processo activo, um mecanismo de acção. Porque o não faz é que, cientificamente, o mecanismo é insuficiente para traduzir o mundo físico»<sup>16</sup>.

E adiante:

«Se Deus existe, ele será o infinito excesso»<sup>17</sup>.

É um primeiro delinear — ainda suspenso e perspectivado pela consciência moral, assente na liberdade da pessoa — duma lúcida e consciente abertura à Revelação, em motivação algo obscura e, no entanto, já catalizadora.

«A Razão Experimental» acentua e reforça o perigo cousificador do afastamento do real e da intuição emergente e assinala, nessa ordem de ideias, como o caminho da Filosofia, depois de uma fase de aceitação de um «papel secundário de correr atrás da ciência»<sup>18</sup>, terá de assumir-se como «saber unificado»<sup>19</sup> e encontrar-se, finalmente, a si mesma como «órgão das liberdades sociais, assintóticas dessa liberdade ideal, que seria a própria vida espiritual, na origem, nascimento e visão em Deus»<sup>20</sup>. Então, o percurso duma razão que se desarticulou do real, absolutizando os seus processos, terá de inflectir-se, para reencontrar-se:

«Eis o que mostra o absolutismo da razão em todos os grupos absolutismo fazendo de cada Razão um ciclo fechado, mas começando a dar, pelo seu pluralismo, aos espíritos mais reflectidos, a noção duma,

<sup>15</sup> Cf. LEONARDO COIMBRA, *Criacionismo. Síntese Filosófica*, I, 369.

<sup>16</sup> Cf. LEONARDO COIMBRA, *Criacionismo. Síntese Filosófica*, I, 369.

<sup>17</sup> Cf. LEONARDO COIMBRA, *Criacionismo. Síntese Filosófica*, I, 371.

<sup>18</sup> Cf. LEONARDO COIMBRA, *A Razão Experimental*, II, 543.

<sup>19</sup> Cf. LEONARDO COIMBRA, *A Razão Experimental*, II, 576.

<sup>20</sup> Cf. LEONARDO COIMBRA, *A Razão Experimental*, II, 559.

Razão experimental, relativa e dinâmica, de que aqueles absolutismos sejam secções no espaço e no tempo sociais»<sup>21</sup>.

Desta forma, pode entender-se o que Leonardo Coimbra quer exprimir através desse conceito aparentemente contraditório de *razão experimental*, buscando, ainda aqui, ultrapassar terminologias de afastamento e dissociações lineares.

Se a inteligência é «a grande deformadora do real, substituindo a representação mediata ao imediato apresentado»<sup>22</sup>, é necessário o reencontro no terminar dessa «viagem de circumnavegação do real», como escreve<sup>23</sup>, buscando-se nas suas potencialidades intrínsecas novas formas de dinamismo que a façam penetrar no real e não teorizá-lo em esquemas mediatizados que atraíam duplamente o real e o próprio pensamento.

A razão aberta projecta-se, então, como ponto de convergência da matéria, da vida e da memória — sucessivas instâncias que, expectantes, se interrelacionam dinamicamente.

Poderia dizer-se que o excesso da intuição é sempre a salvaguarda da razão, a relação vital e dinamizadora, evitando que se imobilize, se detenha, se feche em círculo, motivando-a para que se lance no mais intrínseco dinamismo do agir e do viver.

Do irracional intuitivo, surge a dialéctica nocional que percorre todas as formas de pensamento, da ciência à religião. Ainda aqui se projecta a relação medeadora com o próprio Absoluto, que preserva o mistério da individuação e da liberdade, unindo-os no amor e reformulando-os no conceito de pessoa.

Essa intuição inesgotável que desencadeara o processo do conhecimento e propulsionara a razão experimental expressa-se na permanente busca de consonância entre o pensamento e o real:

«A consciência é tão real que a evolução vitoriosa dentro da Vida, se faz do mínimo para o máximo da consciência»<sup>24</sup>.

O sentido último da dialéctica processual da razão configura-se, pois, no horizonte do Absoluto — como infinito excesso.

Então a dinâmica do pensamento leonardiano parece poder expressar-se pela tensão permanente, que quer transformar-se em inter-

<sup>21</sup> Cf. LEONARDO COIMBRA, *A Razão Experimental*, II, 556.

<sup>22</sup> Cf. LEONARDO COIMBRA, *A Razão Experimental*, II, 564.

<sup>23</sup> Cf. LEONARDO COIMBRA, *A Razão Experimental*, II, 750.

<sup>24</sup> Cf. LEONARDO COIMBRA, *A Razão Experimental*, II, 783.

-relação penetrante do que a tradição filosófica distingue, metodicamente, como *διάνοια* e *νοῦς*, numa ambivalência de pontos de partida e de chegada. De novo, o excesso intuitivo se delinea polarizador e unificante, quase num desejo irrealizável de consonância de imanência e transcendência.

Escreve Leonardo em «A Rússia de Hoje e o Homem de Sempre»:

«Um sistema de relações só pode subsistir suspenso do Absoluto que o segura e anime»<sup>25</sup>.

A esta luz se aclara a expressividade da matéria, da conexão das sínteses abrangentes que vão do real ao pensamento e deste ao Absoluto:

«Daqui a apreensão do ser em planos ontológicos, de um ser não distribuído, esparso ou perdido em seres; mas do ser hierarquicamente participado e analogicamente conhecido — de cada plano contingente para cada outro plano de contingência até ao Ser infinito como último termo da relação, apoio de todas as dependências, substância em si e não diminuída, mas criadora, por exuberância, de todos os participantes»<sup>26</sup>.

Do «irracional intuitivo» ao «infinito excesso», do real a Deus — eis o trânsito do pensamento de Leonardo Coimbra, que se oculta nos múltiplos meandros das dicotomias e das ambiguidades, nos percursos da ciência, da arte, da filosofia para desembocar no pressentimento e na adesão à Revelação.

Singulariza-o um frémito existencial, uma densidade íntima de entusiasmo catalizador e de curiosidade inquieta. Leonardo posiciona-se pela sua assumpção plena da dimensão do humano, pela dolorosa e trágica experiência do real.

A teorização dessa experiência vital como que subjaz ao seu pensamento que se constroi momento a momento, polarizando-se nas intuições fundamentais da relação, do excesso, da intuição, do dialéctico, da liberdade, da pessoa, da morte.

Esse traçado pode ser desmontado nas múltiplas influências que pontuaram os seus processos de afirmação e dinamizaram as suas dúvidas. Nada impede, porém, a sua estrita individualização de percurso próprio e incomunicável, na assimilação criativa de motivações próximas ou distantes.

<sup>25</sup> Cf. LEONARDO COIMBRA, *A Rússia de hoje e o Homem de sempre*, I, 633.

<sup>26</sup> Cf. LEONARDO COIMBRA, *A Rússia de hoje e o Homem de sempre*, 664-5.

No seu itinerário, como no seu pensamento, avulta algo de significativo e próprio: a busca do abrangente, o sentido fundo de uma sabedoria englobante que é sempre salvaguarda e inspiração: salvaguarda lúcida duma absolutização do relativo, do saber, de toda a obra humana e da própria razão; inspiração dum permanente *deutero plus* que só o Absoluto pode aquietar.

A *intuição inesgotável* assegura e mobiliza a criatividade dinâmica da razão, impedindo, ao situá-la a cada momento numa experiência agónica de limites, que possa absolutizar-se.

MARIA CÂNDIDA MONTEIRO PACHECO